

“SINCRETISMO RELIGIOSO: Um retorno às origens e às conexões sagradas entre os orixás e os demais sagrados predominantes do Brasil”

Samara Oliveira de Sales¹

RESUMO:

Um novo e amplo leque de novidades no cenário religioso do Brasil foi estabelecido no período do processo colonial, sabe-se, portanto, que de forma geral o contato entre diferentes nações africanas resultou na troca e na difusão de várias divindades diferentes. Sofrendo forte pressão por parte da colônia portuguesa de religião católica os negros foram obrigados a participarem de manifestações de origem cristã, no entanto desenvolveram formas de adorar os seus deuses não abandonando desse modo a fé nos seus orixás, voduns e inquices oriundos de sua terra natal sem entrar em conflito com as imposições do poder vigente. É possível observar por meio dessa situação porque vários santos católicos equivalem a determinadas divindades de origem africana e o motivo pelo qual vários dos deuses africanos percorrem religiões distintas. As observações sobre as religiões afro-brasileiras oferecem a possibilidade de analisar a mescla de crenças, credences e conceitos para uma adaptação das mesmas em distintas regiões e épocas. Ao longo das observações realizadas nesse trabalho analisaremos desde o ritual religioso, a arte operante e o espírito devocional até a influência das mesmas no sagrado do catolicismo e a problemática de aceitação das demais religiões principalmente das neopentecostais.

PALAVRAS-CHAVES: sincretismo, religião, Brasil

ABSTRACT:

A new and wide range of innovations in the religious landscape of Brazil was established during the colonial process, it is known, therefore, that in general the contact between different African nations resulted in the exchange and dissemination of various different deities. Suffering strong pressure from the Portuguese colony of Catholic blacks were forced to participate in demonstrations of Christian origin, but developed ways of worshiping their gods thereby abandoning the faith in their deities, and voduns inquices arising from their homeland without conflict with the dictates of the ruling power. You can see through this situation because several Catholic saints are equivalent to certain deities of African origin and the reason why many of the African gods roam distinct religions. Observations on the african-Brazilian religions offer the possibility to analyze the mixture of beliefs, superstitions and concepts for an adaptation of the same in different regions and eras. Throughout the observations made in this work we analyze from the religious ritual, art working and devotional spirit to the influence of the same sacred of Catholicism and the issue of acceptance of other religions mainly from neopentecostais.

KEYWORDS: syncretism, religion, Brazil

▪ A RELIGIÃO NA COMTEMPORANEIDADE

Desde o final do século XIX assiste-se na Europa à publicação de uma série de estudos relativos ao fenômeno religioso, com o propósito de teorizar acerca das origens da religião, a partir da noção de

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: samara.sales@hotmail.com

religião primitiva, ou religião natural com base em registros acerca de povos arcaicos ou “primitivos” (ELIADE, 1989; EVANS-PRITCHARD, 1978). Cabe mencionar entre estes, a publicação de O Ramo Dourado de Frazer, de Cultura Primitiva de Tylor, no qual produz a teoria animista da religião primitiva, e de discípulos deste, Andrew Lang e Marret que investiram a noção demana, alma e fantasmas. Estes estudos apontam o interesse científico acerca do fenômeno religioso, redemarcando um espaço acadêmico para o estudo científico da religião, até então de cunho teológico e doutrinário.

Este interesse pronunciado pelo estudo das religiões se manterá no início do século XX com a publicação de As formas elementares da vida religiosa de Durkheim, entre outros, de autores como Levy-Bruhl com estudos sobre a mentalidade mística, agindo como estímulo à criação de formações acadêmicas nas universidades européias, como a de Religião Comparada na École des Hautes Études da Universidade Sorbonne. Esta veio a ser dirigida por Marcel Mauss e mais tarde por Lévi-Strauss. Na Grã-Bretanha destaca-se o King’s College, ligado à Universidade de Londres, que possui um dos departamentos mais antigos e renomados de Teologia e Estudos de Religião.

Com relação ao papel que esta formação acadêmica poderá cumprir na sociedade contemporânea consta a necessidade de compreender as diferentes crenças e práticas religiosas para permitir uma convivência mais harmoniosa entre os povos. José Carlos Calazans docente do curso de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona defende a idéia de que (2008, p.18): “O contributo da Ciência das Religiões para a compreensão do fenômeno religioso é tão importante como para a paz social. Promovê-lo é, ao mesmo tempo, ajudar a construir uma diplomacia de paz entre os povos.”

Diante das abordagens construídas ao longo da história sobre o que é religião, fica claro a importância deste elemento como sendo algo indispensável nas sociedades humanas. É sabido, portanto, que todas as religiões, mesmo que de formas diferentes, apresentam ao meio em que estão inseridas um propósito de vida a ser seguido e observado, contribuindo desse modo na formação psicossocial dos seus seguidores.

O campo religioso brasileiro, nosso objeto de estudo, sofreu transformações nas últimas décadas que levaram à fragmentação institucional e à intensa circulação de pessoas pelas novas alternativas religiosas. Do ponto de vista superficial, os ritos, crenças e lógica interna de cada universo podem ser considerados bastante diferentes entre si, no entanto, quando se observa mais a fundo, principalmente o comportamento daqueles que frequentam esses cultos, as fronteiras parecem pouco precisas e é justamente ao observar esse fenômeno que cientistas de várias partes do mundo, ao longo de anos, tem o estudado.

▪ A ORIGEM DO SINCRETISMO NO BRASIL

Estudar o *fenômeno sincrético religioso* requer uma viagem ao tempo, uma atenção especial para a construção histórico-cultural, no nosso caso, para como se deu a construção do povo-de-santo nos territórios brasileiros.

Tudo começou em abril de 1500 quando as caravelas da esquadra portuguesa, comandada por Pedro Álvares Cabral, na ilusão de terem chegado as índias chegaram ao litoral sul do atual estado da Bahia. Ai se iniciava o processo de colonização da coroa de Portugal e, conseqüentemente, os conflitos étnico-raciais na “Ilha de Vera Cruz”.

No decorrer desse processo, africanos foram trazidos com a função de mão de obra escrava o que contribuiu para um amplo leque de novidades em nosso cenário, principalmente no cenário religioso, pois, ao chegarem aqui, os escravos de várias regiões da África traziam consigo várias crenças que se modificaram no espaço colonial.

Mediante essa situação, a Igreja Católica se colocava em um delicado dilema ao representar a religião oficial do território. Em algumas situações, os clérigos tentavam reprimir as manifestações religiosas dos escravos e lhes impor o paradigma cristão. Em outras situações, preferiam fazer vista grossa aos cantos, batuques, danças e rezas ocorridas nas senzalas, pois tinham medo dos “demônios” que ali se manifestavam. Entretanto, a primeira situação tomou escalas maiores e os negros, assim como os índios, foram sendo obrigados, gradativamente, a abandonar suas crenças.

Essa tentativa forçada de aculturação sempre encontrou resistência, o que acabou resultando em várias tentativas feitas por indígenas e africanos de conciliar os princípios de suas tradições religiosas, entre eles a fé nos orixás, voduns e inquices oriundos de sua terra natal à doutrina cultural e religiosa que lhes eram impostas, o que acabou culminando no nascimento de várias manifestações sincréticas em solo brasileiro, únicas no mundo, algumas delas existentes até os dias de hoje.

Raimundo Nina Rodrigues em fins do século XIX chamou esse fenômeno de “ilusão da catequese”, porém, Ferreti numa palestra há um simpósio da ABHR (Associação Brasileira de História das Religiões) considerou que o sincretismo não pode ser visto somente como “mascara” que funcionou no tempo da escravidão.

Opiniões à parte, o que sabemos é que ao longo do tempo, a coexistência das credences abriu campo para que novas experiências religiosas – dotadas de elementos africanos, cristãos e indígenas – fossem estruturadas no Brasil e se consolidassem até os dias de hoje.

O fato é que, as terras brasileiras tornaram-se palco para o encontro de três grandes tradições culturais: a ameríndia, nativa da terra; a europeia, trazida pelos colonizadores portugueses e mais tarde a africana, trazida pelos escravos bantos e sudaneses. Um encontro que mesmo tendo sido desde o início marcado pela imposição da cultura europeia às populações indígenas e africanas - imposição esta marcada pela postura imanentemente etnocêntrica do homem branco que ali chegara - possibilitou uma experiência cultural própria que se transformaria em elemento fundamental para a articulação e formação da essência do povo brasileiro.

Essa viagem ao tempo nos permite observar que estudar a religiosidade brasileira significa mergulhar num emaranhado sistema de crenças, costumes e manifestações culturais distintas.

Gilberto Freyre, o mais celebrado pioneiro da sociologia e da antropologia moderna brasileira e grande teórico da escravidão e das relações raciais no Brasil, é um dos nossos referenciais teóricos. Este foi um dos grandes contribuidores para o estudo da compreensão histórica e cultural desse processo de colonização no Brasil e para o entendimento da importância da miscigenação para o desenvolvimento do nosso território, desenvolvendo a partir dessas análises teorias que trabalham indícios de como ocorreu a formação religiosa do brasileiro, ou seja, como as diversas crenças oriundas dos três elementos formadores do nosso povo - o branco, o índio e o negro - formam o esteio para o sincretismo religioso que ainda hoje permeia o imaginário e nossas práticas religiosas.

No clássico "Casa-Grande & Senzala"², entre outros, Freyre desenvolveu a ideia de que a miscigenação racial, resultado do processo de colonização, foi positiva na formação da sociedade brasileira, além de destacar a importância do negro e do índio na cultura nacional, trazendo à luz aspectos da vida cotidiana do Brasil colonial.

²É com base nessa obra que defendo a importância do sincretismo na constituição da religiosidade e na cultura do povo brasileiro, e, conseqüentemente na identidade nacional.

É certo que há deslizes na elaboração teórica de Gilberto Freyre no que tange à narrativa de uma sociedade harmônica entre senhores bondosos e escravos submissos e que, também, a estilística narrativa contribui para uma visão ingênua do processo de colonização. Porém, é infundada qualquer tentativa de acusação no que concerne à ideia de um teórico que montou, de forma sistemática, uma estrutura para negar as contradições de exploradores e explorados.

Cito o intelectual por este ser o responsável pelas grandes narrativas clássicas, de importância histórica e cultural, que descrevem as características específicas da colonização luso-brasileira e, dentre outras coisas, nos possibilita compreender a importância da miscigenação na formação de um país. O autor de *Casa-Grande & Senzala* trás um caráter inovador para a observação da importância da mestiçagem no processo de desenvolvimento brasileiro, interpretando os fatos como uma questão positiva. (*Stuart Schwartz, 2000*)

Podemos dizer, com base nas teorias freyrianas, que no Brasil, o fenômeno sincrético religioso, resultante do contato intercultural de povos e grupos distintos, numa espécie de “contaminação mútua” e interdependente que foram com o tempo se transformando numa forma peculiar de prática religiosa, sendo assim a união de elementos religiosos e culturais diferentes e antagônicos num só elemento, significou não uma subtração de elementos constitutivos desta ou daquela crença religiosa; ao contrário, significou um fortalecimento das diversas expressões da religiosidade brasileira.

O sincretismo religioso no Brasil é, portanto, um fenômeno social intrigante.

Cascudo propõe uma interpretação acerca do perfil das credulidades do brasileiro, atribuindo a ele uma “dupla nacionalidade espiritual” (1974, p.3): “Fácil é saber no que acredita e bem difícil precisar no que não crê. Essa coexistência explica a plasticidade sentimental brasileira, disponível às tentações do Recentismo sem íntimo abandono às crenças da tradição sem idade.” Esta característica de alegado “recentismo”, ou influência dos modismos, identificada por Cascudo é reforçada nas palavras do Imperador Pedro II, que emprega para traduzir de modo mais enfático suas idéias (idem): “O brasileiro é de entusiasmos e não de perseverança.” Entretanto, Cascudo complementa sua avaliação com mais sabedoria, ao evidenciar o não abandono de crenças remotas.

Não obstante o fato de vivermos ainda numa sociedade extremamente desigual, onde o racismo e a discriminação sócio-racial são marcadamente fortes, a religião se apresenta como um elemento essencialmente útil no processo de conscientização para práticas de respeito às diversidades humanas e, principalmente, a tolerância religiosa, pois o pluralismo religioso ainda que tenha conhecido tensões favoreceu novos ciclos de troca com assimilação de novas crenças e ritos que abriram as portas para as políticas contra as intolerâncias antes impregnadas.

Um fator que liga todas as formas de expressão da religiosidade brasileira é a existência de um mundo espiritual, onde espíritos, santos, divindades, entidades, anjos ou a ação do Espírito Santo, são considerados elementos intercessores e protetores a quem os fiéis se apegam nas suas aflições, e atribuem curas e todo o tipo de favor. Todos estes recursos pressupõem, por sua vez, a crença na existência de espíritos maus, demônios que são capazes de interferir na vida e no destino das pessoas, trazendo as mais variadas desordens, sejam espirituais, econômicas ou emocionais.

Considero deste modo que é histórico que o povo dominante impõe sua religião ao povo dominado, mesmo que no Brasil esta imposição do catolicismo contou com um movimento de resistência tanto dos aborígenes quanto dos negros africanos.

▪ O SINCRETISMO RELIGIOSO COMO OBJETO DA CIÊNCIA

▪

Podemos observar o fenômeno do *sincretismo* religioso desde a formação das religiões mais primitivas até a atualidade. Ele surge por meio do processo de enraizamento da cultura na religião, ou seja, os povos vão se organizando, gradualmente, e as crenças vão se tornando prática comum e expressão cultural. De origem grega, a palavra *sincretismo* significa misturar, unir uma coisa a outra, portanto, de uma forma bastante simplista, trata-se de uma grande mistura de elementos e de várias crenças que acompanham a história dos povos em geral até os dias de hoje e que se tornam parte de sua cultura e identidade.

O *sincretismo* é um fenômeno que é existente em praticamente todos os lugares do mundo e, por ser de caráter complexo, precisa ser bem estudado e interpretado, o problema é que não existe uma única definição para ele; historiadores, sociólogos, antropólogos e estudiosos de diversas áreas possuem conceitos diferentes sobre o mesmo e isto faz dele um tema muito polêmico sobre o qual não há nenhum acordo.

Em tempos mais recente grandes pesquisadores lançaram mão desse termo por considerar a natureza da categoria multívoca³ e acreditarem que ela acabou cristalizando a ideia de perda identitária, subjugação e aculturação. Segundo eles o *sincretismo* precisa ser repensado e reestabelecido abandonando a ideia de identidades essencializadas, pois, segundo eles essa ideia é insuficiente para compreendermos e interagirmos na configuração das culturas. Eles não valorizam o termo pelo fato de o enxergarem como “um aglomerado indigesto de concepções de procedências diversificadas” (Ferretti, 1999).

É importante tornar saliente a observação de Pierre Sanchis (1995) que ao definir o fenômeno sincrético o mostrou como uma mistura também de culturas e não apenas de religiões como geralmente aparece no senso comum. De acordo com ele o fenômeno não se dá de uma forma totalmente harmoniosa e livre de conflitos. Culturas em contato sempre estarão em posições desiguais, principalmente se uma for ligada ao grupo dominante e a outra ao grupo dominado e deve ser entendido como um processo histórico, ou seja, um fenômeno que está sempre se transformando de acordo com o momento e com o lugar⁴.

O sincretismo parece-nos evidente, principalmente no Brasil, pela própria história do país. Nossos colonizadores portugueses sempre contaram, em seu território, com a presença de povos de procedências diversas, desde os romanos, na Antigüidade e através de toda a Idade Média, com os chamados povos bárbaros, e, depois, com os árabes e judeus, até a época dos descobrimentos.

Fomos formados, depois, com a contribuição das mais diversas culturas, procedentes do continente africano, que se somaram às numerosas nações indígenas encontradas em nosso vasto território. Assim o contato entre múltiplas culturas sempre foi característico de nossa sociedade, embora na maior parte do tempo, com predomínio da cultura branca dominante. O antropólogo Roberto da Matta, em diversas reflexões sobre a sociedade brasileira, defende o ponto de vista de que:

Devemos dar mais atenção a palavras como ‘misturas’, ‘confusão’, ‘combinação’ e outras mais, que designam aquilo que verdadeiramente é necessário conhecer: os interstícios e as simultaneidades ou, como tenho afirmado no meu trabalho, as ‘relações’ (1993, p. 129).

O sincretismo tem sido bastante discutido entre nós por parecer sistematizar modelos e posições que parecem constituir um aspecto central da ideologia dominante brasileira (Da Matta, 1987, p. 177) ao mesmo tempo que, justamente aqui, há uma imensa rejeição a esse conceito.

³ Que modifica sua estrutura conceitual.

⁴ Em outras palavras, “[...] o sincretismo é fluido e móvel, não é rígido e nem cristalizado.” Bastide, 1971. p.370), ou seja, o sincretismo sempre está em processo de formação e transformação, nunca pronto e acabado.

O sincretismo como sabemos possui muitos aspectos. Josué Tomasini Castro diz que: “ao pensar em sincretismo, pode-se pensar em: negociação, interação, confronto, transmissão, mistura, adaptação, assimilação, sondagem, transposição, identificação, simbiose, fusão, amálgama, alienação, dinamismo, confluência, interação, etc.” (CASTRO, 2006: 29)

Herskovits (1969: 376) definiu sincretismo como uma forma de reinterpretação, que assinala aspectos da mudança cultural com transformações de valores que ocorrem entre as gerações e apresenta exemplos relacionados com as religiões afro-brasileiras.

Até fins da década de 1950 os estudos sobre sincretismo religioso no Brasil foram quase todos realizados na perspectiva da teoria da aculturação. Sabemos que nesta época os estudos da teoria da aculturação na antropologia passaram a ser muito criticados no âmbito das Ciências Sociais no Brasil e em outros países (CORRÊA: 1995). Para Renato Ortiz (1978) a noção de aculturação valoriza a cultura em detrimento da sociedade. Para Clovis Moura (1988) o culturalismo exclui a historicidade dos contatos.

Bastide (1971: 523) fala em interpenetração de civilizações utilizando os conceitos de resistência, conservação, adaptação, sincretismo, assimilação e contraculturação. Diz que os antropólogos substituem cada vez mais a expressão aculturação por mudança cultural. Bastide se preocupou com uma sociologia em profundidade e procurou compreender o encontro ou contato entre civilizações diferentes numa sociologia da interpenetração de civilizações.

Segundo Terry Rey (2005: 454) o sincretismo é uma forma de hibridismo cultural que pode melhor ser entendido com a noção de habitus religioso: “O caráter híbrido do simbolismo, da mitologia, do ritual e das divindades foram os principais centros de interesse nos estudos sobre sincretismo, mas na realidade estes são produtos deste sincretismo ou signos exteriores.

Peter van der Veer (2005: 196) considera que o sincretismo se refere a uma política de diferença e identidade e que a noção de poder é crucial no seu entendimento, indicando as práticas verdadeiras das falsas. Sugere que o termo sincretismo nas sociedades com cultura religiosa seja substituído pelo termo multiculturalismo nas sociedades com cultura secular. Ambos os termos pertencem a um discurso de tolerância e harmonia.

Segundo Stuart e Shaw (2005:7/8) sincretismo não é um termo com significado fixo, pois seus sentidos foram historicamente constituídos e reconstituídos. Identificar um ritual ou tradição como sincréticos é dizer pouco pois todas as religiões têm origens compostas e são continuamente reconstituídas. Parece mais importante focalizar o processo da síntese religiosa. Stuart e Shaw lembram que é importante confrontar o sincretismo com o anti-sincretismo, que se relaciona com a construção da autenticidade e com a noção de pureza e que tanto as tradições puras quanto as sincréticas podem ser autênticas.

O antropólogo italiano Massimo Canevacci (1996) considera o sincretismo como o lado positivo da diáspora. Afirma que diáspora é mãe do sincretismo. Segundo Canevacci (1997: p. 13): “Assumimos aqui o sincretismo como termo-chave para a compreensão da transformação que está se dando naquele processo de globalização e localização que envolve, transforma e arrasta os modos tradicionais de produção de cultura, consumo, comunicação.”

Como podemos ver alguns pensadores têm refletido sobre a experiência da participação em duas religiões diferentes e durante mais de um século, através de correntes teóricas diferentes, muita coisa foi escrita sobre o sincretismo. Alguns acham que se deve evitar falar em sincretismo. Outros falam em dessincretização, ou africanização e reaficanização, em relação às religiões de origens africanas no Brasil.

É importante resaltar que até mesmo a própria definição dessas diversas categorias aqui analisadas continuam constituindo um desafio para os especialistas. Hoje o sincretismo é visto como

multiculturalismo, que como o sincretismo é igualmente bastante polêmico e possui múltiplos significados.

CONCLUSÃO

O caminho trilhado por mim, nesse estudo inicial, é basicamente este, de buscar numa bibliografia de apoio, o referencial teórico daqueles que se dedicam a estudar as matrizes do sincretismo religioso, não só brasileiro, como um todo, para poder, num segundo momento e num entrelaçamento direto com eles, traçar de forma mais profunda o caminho de volta às origens de nossa religiosidade.

Concluí até aqui que a religião, como um fenômeno social, é um poderoso instrumento de mobilização e de controle social, e como tal, tornasse imperioso destacarmos a importância de se estudar as manifestações religiosas de um povo, buscando, desta forma, compreender as ações dos indivíduos, não somente pelos vieses políticos, econômicos e culturais; mas também pelo sentimento religioso que motiva e permeia todas as ações humanas, sejam elas individuais ou coletivas.

REFERÊNCIAS:

SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 12(1): 69-100, maio de 2000.

GUERRA, Lemuel Dourado. Mercado religioso no Brasil: competição, demanda e dinâmica da esfera da religião. João Pessoa: Idéia, 2003.

MOTTA, Roberto M.C. Religiões éticas e religiões sacrificiais: seu crescimento simultâneo no Brasil atual, In: MIELE, Neide (org.). *Religiões: múltiplos territórios*. João Pessoa: Ed. Universitária-UFPB, 2007.

PRANDI, Reginaldo. “Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização”. In CAROSO, Carlos e BACELAR, Jéferson (orgs.). *Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. 2 ed. Rio de Janeiro/Pallas/Salvador: CEAO, 2006, p. 93-111.

BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil. Contribuições à uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações*. São Paulo: Pioneira, 1971.

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos. Uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

FERRETTI, Sergio F. Depoimento, In: SÁ, Aríete B. e Outros. *Memórias de Velhos. Depoimentos Vol. VI. Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense*. São Luís: SECMA/CMF, 2006.

_____. “Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural”, CAROSO, C. & BACELAR, J. (Org.) *Faces da Tradição Afro-Brasileira*. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas/CEAO, 1999, p.113-130.

_____. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: EDUSP, 1996.